

70229

Grafia Atualizada
ALREM 0320001-46

REY
CLI 0286
SIST. 59236

Com gr. desord.

OK

04 de Maio de 1946

CLARICE LISPECTOR

A ficção é uma pesquisa. O caráter experimental que podemos emprestar à atividade literária, pode nos oferecer surpresas inumeráveis. E a dificuldade desse esforço de criação no campo sem horizontes de um mundo novo, a única talvez, mas minuciosamente esgotante, consiste na impossibilidade de prolongar outras dimensões à ^{plástica} ~~prosa~~, como nas artes plásticas que participam de espaços inexistentes na superfície plana dos textos.

Estas reflexões me acodem ao finalizar a leitura do segundo livro de ficção de Clarice Lispector. Estas e muitas outras que seria difícil transmitir à linguagem inteligível tão vasta é a capacidade humana de pensamento e tão escasso o poder da linguagem para traduzí-lo.

Porque não só neste seu último livro que a editora Agir acaba de lançar no mercado *O LUSTRE*, mas desde o primeiro *Perto do coração selvagem*; edição da *Noite*, a escritora se apresenta no cenário de nossas letras como um surpreendente caso literário tão significativo e, parece-me de importância tão indisfarçável, que me animo a classificá-lo como pertencendo àquela hierarquia de valores marcantes de uma época que caracterizou a Semana de Arte Moderna de 1922 em São Paulo. Depois desse momento a literatura nacional procurou outros rumos e adquiriu nova fisionomia.

Creio que Clarice Lispector marcará uma hora excepcionalmente alta na vida do romance brasileiro. Romance de introspecção, da vida subjetiva, mas doce e terrivelmente enraizado à terra comum. Nunca entre nós, nenhum escritor conseguiu ^{tão} ~~tão~~ ^{tanto} da língua ainda tão pouco trabalhada, que é a nossa e onde as verdadeiras tradições de cultura na sua mais profunda acepção não existem.

Porque Clarice Lispector não só em *Perto do coração selvagem*, mas principalmente no *O Lustre*, cria valores novos para a nossa língua, enriquece-a de força imprevista, tornando-a mais ágil e luminosa, dando-nos a impressão por

momentos, de que se serve de um instrumento prodigiosamente plástico, o que vale dizer: que a escritora conseguiu emprestar ao brasileiro que escrevemos e falamos uma insólita capacidade de expressão.

E nesse sentido a ficção de Clarice Lispector é uma constante pesquisa, possui aquele caráter experimental a que me referi no início. O que a escritora consegue, nesses dois primeiros volumes, significa tanto para o gênero de ficção, que daqui por diante qualquer tentativa de romance introspectivo deverá levar em conta sua presença indisfarçável. Com sua presença adquirimos um clima que não pode ser ignorado, formador de uma nova hierarquia e como na França de Marcel Proust, tudo o que vem após esse grande marco não poderá existir sem relação com esse nível atingido pelo espírito da pesquisa da autora - que possui a força sem contraste de um pioneiro.

* * *

Temos a impressão de que, nesta altura, da arte de escrever, neste instante de ficção, conformar-se com os velhos modelos de todos os tempos, e repetir as mesmas narrativas de sempre, variando apenas o conteúdo de vida de acordo com a diversidade das ^{atitudes} ~~atitudes~~ humanas não vale a pena.

No romance, as inovações introduzidas nos últimos tempos já estão velhas sem que, contudo, tivessem sido superadas. O progresso na arte de escrever ficção vai se produzindo por longas e lentas etapas. Tão lentas que nos causam a impressão de terem atingido um limite e não poderem ser superados os processos introduzidos pelos escritores mais rebeldes.

Que distância entre as maneiras de Stendhal e Balzac, e a ficção polidimensional de Maurois, por exemplo! Mas que eternidade entre ^{um} ~~um~~ e outro, que intervalo que nos dá a impressão de quase não ter fronteiras entre um método e seu envelhecimento e sua modificação fundamental. Que formidável bloco de tempo histórico entre os instintivos, guiados pela inspiração do momento, e os processos que conduzem aos rigores de uma técnica minuciosa!

Em um dos volumes de *Varietés*, Paul Valery revela as pesquisas de suas meditações em torno do tema. Depois de contemplar durante uma permanência na Holanda alguns quadros de Rembrandt ficou a recordar que

pensava em velhos tempos, nessa arte sutil de dispor de um elemento arbitrário com o fim de agir insidiosamente sobre o espectador enquanto o olhar deste é retido e fixado por objetos nítidos e reconhecíveis. Enquanto a consciência reencontra e denomina as coisas bem definidas - os dados significativos do quadro - sofremos a ação surda, lateral, das manchas e zonas de claro-escuro. Essa geografia de sombras e de luz é insignificante para o intelecto, mas os sentidos percebem o que o espírito não sabe definir e o artista que possui o segredo dessa percepção incompleta pode especular sobre a mesma, dar ao conjunto de luzes e sombra uma configuração que vá sugerindo ao espectador qualquer coisa diferente. O mesmo quadro conterà duas composições simultâneas, uma dos corpos e objetos representados, outra dos lugares da luz.

Quando Valery admirava em certos Rembrandts modelos dessa ação indireta, pensava nos efeitos laterais que podem produzir as harmonias de uma orquestra. Wagner como Rembrandts, sabia prender a alma do espectador a uma parte fulgurante e principal. E enquanto prendia o seu espírito e o arrastava nesse desenvolvimento fundamental do tema, fazia nascer na sombra do ouvido (todas as expressões aqui são de Valery) fazia nascer na sombra do ouvido em regiões distraídas e sem defesa da alma sensitiva, acontecimentos longínquos e preparatórios, pressentimentos, esperas, questões, enigmas, começos indefiníveis.

Isso é construir uma arte em várias dimensões, ou organizar, de certa maneira, as adjacências e as profundidades das coisas explicitamente ditas.

Valery evocava tempos distantes em que se interrogara se efeitos análogos a esses - da música de Wagner e dos quadros de Rembrandts - se efeitos análogos a esses não seria possível procurar e obter em literatura.

O poeta sabia que a arte de escrever contém insuspeitados recursos virtuais, riquezas de combinações e de composição apenas entrevistas, ou quase desconhecidas.

Essas possibilidades permanecem ocultas para nós pela noção que possuímos do mecanismo literário, noção curiosamente vaga e grosseira em contraste com a precisão generalizada. Descartes não passou por essa região. Em matéria literária, nós ainda estamos em plena mitologia.

Explica-se aliás facilmente que uma arte cujo instrumento - a palavra - está sempre em nossos lábios se confunde tanto com a vida, que lhe seja difícil, quase impossível atingir o desenvolvimento final de suas possibilidades.

Valery conta que, nessa ida de deliciosa em que esses problemas imaginários vinham visitar seu espírito, sentia que uma tentativa desse gênero demandaria um trabalho penoso de análise prévia, um cruel esforço de coordenação na execução. E concluía: duvido que a literatura obtenha seu Sebastião Bach. Mas se ele surgir um dia, não sejamos invejosos de seu destino. Sua vida será bem dura.

Numa página do JOURNAL, Gide escreve, referindo-se a Marcel Proust: *ele disse o que quis*.

E realmente, depois de todos os intermináveis comentários, das inumeráveis reflexões a que habitualmente nos entregamos quando se trata da obra de Proust, devemos chegar a essa clara e profunda conclusão, a mesma de Gide: ele afinal disse o que quis. E vai nisso toda a grandeza do escritor. Porque dizer tudo, dizer o que se quer é a tremenda dificuldade de quem escreve.

Quando examinamos a substância fundamental do romance proustiano, sentimos que nenhum outro escritor sem esse instrumento maravilhoso que é a palavra literária do evocado da luz marinha e do céu translúcido de Balbec, poderia fazer tanto no sentido da penetração da inteligência entre as formas e as sombras do turbilhão vital.

Mesmo quando suas páginas não estão baseadas na deliciosa vertigem da memória involuntária - que foi o pivô de sua recuperação do tempo perdido - mesmo assim Proust mantém, e nesse caso pela técnica adquirida, o mesmo grau de temperatura estética em seus textos. Porque nem sempre seu estado de alma é aquele sentimento entreaberto como repentina clareira ao sentir a desigualdade dos degraus na residência dos ~~governantes~~ ^{querentes}, ao provar a *madelaine* embebida de chá de ~~filia~~ ^{tilia}, a ouvir o tilintar da colher contra o prato de cristal. Nem sempre Proust escrevendo as encontra nesse estado de graça em que o santo baixa, a alma se afunila pelos caminhos do passado, o anjo do tempo

— se aproxima em silêncio. Mas a técnica sugerida pelo mergulhar profundo nessas
— raras circunstâncias, permanece à flor do texto e é toda uma ondulante superfície
de corpo novo, uma descoberta, uma invenção inapreensível.

Clarice Lispector deve ter experimentado muitas vezes essa perturbadora presença da memória involuntária. Ao mesmo tempo sentiu a maior exatidão de certos adjetivos para colorir e dar relevo às coisas. Um impulso, afinal, não surge sem o outro, e esse encontro com as palavras subterraneamente mais exatas e de superfícies se alongando por dimensões diferentes das comuns, é
— uma resultante daqueles momentos em que o espírito para, interdito, sentindo que por alguns segundos acaba de estar imerso no lúcido cristal de uma compreensão rara e mais profunda da vida.

— O estilo de Clarice Lispector é de uma originalidade nua. Os espíritos conservadores sem dúvida ^h não de sentir essa fria e mágica audácia da autora criando expressões novas e com elas animando o velho universo interior numa sondagem que nos faz recordar o episódio bíblico da pesca milagrosa.

— Toda forma nova de arte exige para ~~a~~ sua compreensão a imperceptível ginástica do hábito. Daí a pouca repercussão que esse romance, *O Lustre*, sem dúvida, terá entre o público mesmo precedido, como vem pelo rumor do sucesso do primeiro livro da autora, *Perto do Coração Selvagem*. Porque esse sucesso teve lugar apenas entre as elites.

Mesmo os editores tiveram o cuidado de prevenir, como Mallarmé fazia com seu poema *Un coup de dés...* prevenir o leitor ingênuo à entrada desse país de clima novo onde todas as coisas do cotidiano foram tocadas pelo sortilégio de uma luz imprevista que pôs em relevo novos ângulos, novas arestas, novas cores, os aspectos habitualmente ocultos das formas e dos movimentos da vida.

"Ninguém escreve como Clarice Lispector. Clarice Lispector não escreve como ninguém. Só seu estilo mereceria um ensaio especial. É uma *clave verbal diferente*, à qual o leitor custa a adaptar-se. É preciso ler muito devagar as primeiras páginas para entrar nesse plano estilístico singular, cheio de mistério e de sugestão. Uma vez nele, cremos que o leitor sentirá o mesmo encanto sombrio

que sentimos. E que coloca Clarice Lispector numa trágica solidão em nossas letras modernas."

É o editor prevenindo.

Porque sabe que a obra de arte quando arrastada pelo que possa haver demais secreto em si mesma não reproduzirá mais o mundo de acordo com as imagens convencionais que as do grande público. Mas deformará as aparências da realidade - é a lição de Pierre-Quint criticando a obra de Proust - deformará as aparências da realidade para atingir a essa mesma realidade: destruirá seu envoltório para exprimir seu conteúdo, com uma exatidão maravilhosa. E Proust cita o caso dos retratos de Elstir, que as mulheres não achavam nunca parecidos. Porque ao tipo que uma mulher se clava a si mesma, o pintor substituía o tipo da mulher tal qual existia em seu mundo interior. Cada um de seus retratos era parecido em parte com o modelo que havia pousado, e em parte com os outros retratos do mesmo pintor. Isso explica porque o público tem tanta dificuldade em se aclimatar a toda manifestação de arte nova. Um esforço é necessário, mas a maioria é incapaz disso.

* * *

Clarice Lispector realiza também uma revalorização da língua. E creio que reside principalmente nisso a importância de sua obra. Solitária no caos desse mundo em formação que é a fisionomia e o espírito da literatura brasileira, seu poder evoca o milagre físico da indução radioativa, porque a misteriosa energia de sua inteligência faz brotar das expressões mais insólitas uma surpreendente capacidade de comunicação com as significações ocultas da vida. E nisso reside o caráter experimental dessa literatura. Aí estão os mergulhos da sensibilidade na pesquisa, a constante experiência pessoal nesse contato lírico com o universo envolvente. Vocação, é certo, de muitas almas diferentes das almas comuns, e que nos parecem mais vagarosas porque se deixam permanecer demoradamente numa atitude afim de absorverem toda a secreta significação desse contato de si mesma com o clima que momentaneamente as envolve: mais densas que as outras porque estão saturadas de interrogações sem sentido para o comum dos mortais.

REY
cli 0286
SIST. 59236

Inicialmente aludimos ao sentimento de certos escritores da atualidade com referênci^âa ao tradicional espelho que passeia entre os espetáculos da vida. Sentem alguns que nesta altura da ficção não vale a pena escrever mais um livro igual a todos os outros livros, mais um livro que não nos revele uma face ignorada das coisas e nos transporte para alé^m dos caminhos de todos os outros livros. A seguir prolongando a imensa faixa de papel tisonado pela geometria dos textos, sem nada acrescentar ^{às} possibilidades humanas de compreensão e de descoberta, é melhor permanecer em silêncio.

O universo é transcendente. A vida humana mergulha no inconcebível. Para alé^m das fronteiras do cotidiano que anestesia em nosso espírito o sentimento dessa transcendência, às vezes percebemos fugitivamente as ondas do misterioso mar que nos envolve. E nesses instantes em que a vida subitamente imobilizada parece nos revelar uma parte infinita de seu perpétuo milagre, intuimos realidades parciais, realidades pequenas descobertas, apanhamos algumas conchas estranhas dessas praias sem nome e na madrepérola côncava de seus interiores sonoros nossos ouvidos julgam perceber os vagos rumores do desconhecido.

Quem pode sentir esse outro lado das aparências escreve diferente, escreve às vezes com perturbadora originalidade e é o caso de Clarice Lispector, cujos sentidos captam do mundo realidades estéticas, psicológicas, materiais, de cor, de forma, de sonoridade, de emanção, inexistentes para as sensibilidades superficiais.

Para Clarice Lispector vale a pena escrever. Ela nos dá alguma coisa mais que o comum dos livros. Ela pode nos revelar, ^{em} torno da eternidade humana da tragédia grega que é o mesmo amor e a mesma morte de todos os tempos, alguma coisa realmente inédita que seus ^{dos} ~~sentimentos~~ apanharam nas praias do invisível mar, como aquelas conchas misteriosas.

≡